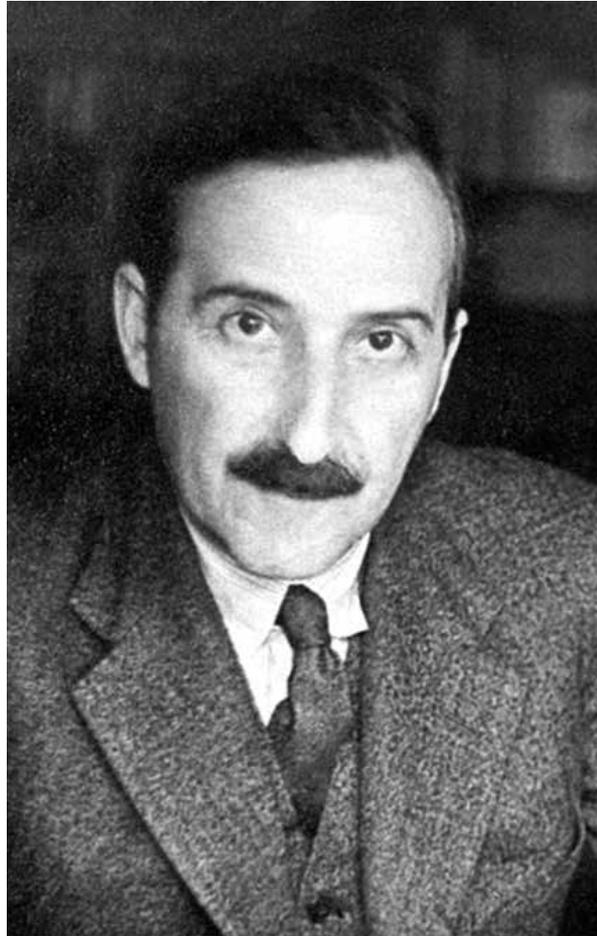


STEFAN ZWEIG¹

(Viena, Áustria, 1881; Petrópolis, Brasil, 1942)



Stefan Zweig, s.d.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Casa Stefan Zweig/RJ.

1 Pesquisa e texto de Carol Colfield, pesquisadora do Arqshoah/Leer-USP, coordenado pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de S. Paulo, 2018. Tradutora dos textos em alemão, inglês, francês e espanhol aqui citados.

O mundo de Stefan Zweig

Stefan Zweig nasceu em 28 de novembro de 1881, na Viena da monarquia dos Habsburgos, lugar que, como ele mesmo relata nas memórias que escreveu em seus últimos anos de vida, era “um grande e poderoso império”.^A Mas avisa: “Não o procurem no mapa; foi extinto, sem deixar vestígio”.



Viena, cidade natal de Stefan Zweig.
Google Maps.

Filho de Moriz Zweig e Ida Brettauer Zweig, Stefan e o irmão Alfred – dois anos mais velho – eram descendentes de duas abastadas famílias judaicas vienenses que, durante séculos, desbravaram o estreito caminho deixado aos judeus na Europa, superando obstáculos e tirando o melhor proveito das raras aberturas que surgiam. As histórias deles traduzem o processo de emancipação dos judeus no continente e da integração à sociedade moderna até a chegada do nazismo ao poder.

A-Textos e livros de Stefan Zweig: Ein Wort von Deutschland. *Neue Freie Presse*, p. 2-3, 6 ago. 1914a; An die Freunde in Fremdland, *Berliner Tageblatt*, p. 2, 19 set. 1914b; *Brasil: país do futuro*. Madrid: Editorial El Aleph, 1941. Edição eletrônica; *Chess*. London: Penguin Books, 2006; *Beware of Pity*. London: Pushkin Press, 2011. Edição eletrônica; *Um ensaio. A unidade espiritual do mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013; *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014. Edição Kindle; *Erasmus of Rotterdam*. London: Penguin Random House, 2015. Edição Kindle; Carta de Stefan Zweig a Sigmund Freud, 18 de julho de 1938. In: BURELLO, Marcelo G. (Ed.). *Sigmund Freud y Stefan Zweig: “La invisible lucha por el alma”*. *Epistolario completo 1908-1939*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2016; *Historische österreichische Zeitungen und Zeitschriften* (tradução nossa); disponível em: <www.anno.onb.ac.at>, acesso em: 17 abr. 2017. Ver também: DAVIS, Darién J.; MARSHALL, Oliver. (Ed.). *Stefan and Lotte Zweig’s South American Letters*. New York: Continuum, 2010; ZOHN, Harry. Stefan Zweig and Verhaeren. *Memorian Stefan Zweig. Monatshefte*, v. 43, n. 4/5, p. 199-206, Apr.-May 1951. Obras de referência: As informações sobre as origens da trajetória das famílias Zweig e Brettauer foram extraídas do trabalho de SPITZER, Leo. *Lives in Between. Assimilation and Marginality in Austria, Brazil, West Africa 1780-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. Ver também: *Jewish Virtual Library*, verbete: Emancipation, disponível em: <www.jewishvirtuallibrary.org/emancipation>, acesso em: 2 ago. 2018; MATUSCHEK, Oliver. *Three lives. A biography of Stefan Zweig*. London: Pushkin Press, 2011; DINES, Alberto. *Morte no paraíso*. S. Paulo: Rocco, 2014; PROCHNIK, George. *The impossible exile: Stefan Zweig at the end of the world*. New York: Other Press, 2014. Edição eletrônica; Carta escrita por Roth em 10 de julho de 1937, Parte IV, After Hitler: Work, Despair, Diminishing Circles, Work and Death. In: ROTH, Joseph. *A life in letters*. Edição e tradução Michael Hofmann. New York: Granta, 2012. Edição eletrônica Kindle; KATZ, Jacob. *Out of the Ghetto. The Social Background of Jewish Emancipation, 1770-1870*. Cambridge: Harvard University Press, 1973; ARENDT, Hannah. *The origins of totalitarianism*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1973; ARENDT, Hannah. *The Jewish writings*. New York: Schocken Books, 2007; DAVIS, Darién J.; MARSHALL, Oliver. (Ed.). *Stefan and Lotte Zweig’s South American Letters*. New York: Continuum, 2010.

As famílias Zweig e Brettauer



Moses Zweig (1750-1840).
Assinatura do autor ilegível. Retrato de 1832.
Acervo: Leo Baeck Institute,
New York.

O sobrenome Zweig, na linhagem do escritor, começou oficialmente na Morávia, em 1787, com Moses Josef Petrowitz que, obrigado a atender a um decreto imperial que ordenava que os judeus adotassem sobrenomes alemães, passou a chamar-se Moses Zweig. Estabelecendo-se como mascate, embora não tenha feito fortuna, conseguiu dar uma vida adequada à esposa e aos 12 filhos. Já os Brettauer – a família de Stefan Zweig pelo lado materno – habitavam a região de Voralsberg, localizada, de acordo com os limites geográficos atuais, a oeste da Áustria, próxima à fronteira entre a Alemanha, Liechtenstein e a Suíça. Também dedicados ao comércio – embora não fossem mascates –, os Brettauer eram, no entanto, mais prósperos que os Zweig.

O processo de integração dos judeus, contudo, dependia constantemente da boa vontade dos governantes de plantão cuja disposição para emitir cartas de proteção ou decretos permitindo o desenvolvimento de atividades comerciais e outras determinações era oscilante, fator ao qual, assim como fizeram muitas outras famílias, tanto os Zweig quanto os Brettauer souberam adaptar-se. Nas duas últimas décadas do século XVIII, a promulgação do Édito de Tolerância pelo imperador Joseph II contribuiu para a expansão das atividades econômicas e comerciais em geral, nas quais

muitas famílias judaicas como os Zweig e os Brettauer atuavam.^A Com a nova situação, puderam expandir seus ramos de atividade, inclusive para outras regiões geográficas. Além do comércio e da manufatura, as novas gerações dos Zweig e Brettauer engajaram-se plenamente na indústria, nas profissões liberais e nas atividades financeira e bancária, ampliando os respectivos patrimônios herdados.^B

Segundo a *Jewish Virtual Library*, a emancipação completa dos judeus do Império Austro-Húngaro somente se daria com a promulgação, em 21 de dezembro de 1867, de uma nova lei cujo artigo 14 garantia, entre outras disposições, “liberdade de religião e consciência para todos” e que “os benefícios derivados dos direitos civis e políticos não dependiam de fé e religião”. Como consequência, a liberdade de ocupação e a possibilidade de instalar-se livremente em qualquer cidade do império atraíram um grande fluxo de judeus para Viena, que, em apenas 20 anos, quintuplicou a população judaica, passando de seis mil em 1860 a 72.600 em 1880 (SPITZER, 1989, p. 96). Hermann e Nanette Zweig – avós paternos de Stefan, que haviam deixado a Morávia uma década antes, em 1850 – vivenciaram de perto esse desenvolvimento.

Foi então na já capital austríaca que Moriz Zweig, filho do casal Hermann e Nanette Zweig – e futuramente pai de Stefan –, fez seus estudos secundários e, ao mesmo tempo, iniciou-se nos negócios da família como comerciante têxtil. Em 1878, tendo reunido o capital necessário para iniciar seu próprio empreendimento, lançou-se na atividade industrial por meio da aquisição de uma tecelagem na região da Boêmia, a qual prosperou rapidamente. Foi nesse mesmo ano que Moriz anunciou seu noivado com Ida Brettauer. Nascida em

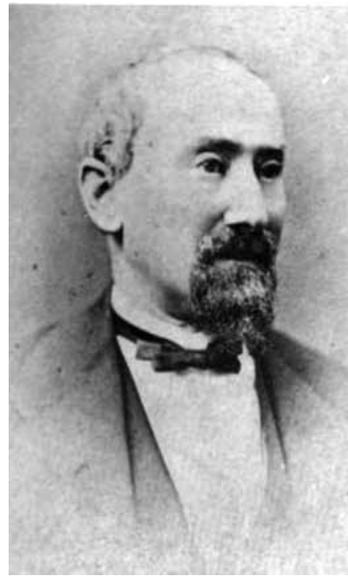
A-Entre as disposições em relação aos judeus, o édito determinava que as escolas cristãs aceitassem o ingresso de estudantes judeus, tanto as destinadas ao ensino primário quanto aquelas voltadas para o secundário. Além disso, os códigos de vestimenta aos quais os judeus eram submetidos foram abolidos e os judeus puderam a partir de então engajar-se no aprendizado de ofícios e na abertura de fábricas (KATZ, 1973). Embora, como afirma Katz (1973, p. 163), o édito tenha contribuído para a melhoria da condição dos judeus, permanece a questão sobre se ele alterou o *status* legal destes: “A redação do édito é evasiva e até contraditória nesse ponto. O parágrafo de abertura trata do desejo de o imperador ver todos os ‘súditos sem distinção de nação e religião, assim que forem aceitos ou tolerados em nossos Estados, a tomar parte na prosperidade comum, a desfrutar uma liberdade jurídica’. [...] Mas em muitos aspectos a posição dos judeus permaneceu inalterada”.

B-A mudança na estrutura de atividades de ambas as famílias é clara. No caso dos Zweig, entre os nascidos de 1845 a 1875, nove eram industriais, oito se dedicavam ao comércio (principalmente atacadista) e seis eram profissionais liberais (dois médicos, dois advogados, um ator e um engenheiro). Na família Brettauer, para a totalidade dos nascidos no mesmo intervalo de tempo, nove eram diretores de bancos – ou casaram-se com diretores de bancos –, uma casou-se com industrial e três eram profissionais liberais (dois médicos especialistas e um advogado) (SPITZER, 1989, p. 94).

Stefan Zweig



Samuel Brettauer (1813-1879), s.d. Fotografia não identificado. Zweig Collection. State University of New York-Fredonia. Fonte: Spitzer (1989, p. 88).



Hermann Zweig (1807-1884), s.d. Fotografia não identificado. Zweig Collection. State University of New York-Fredonia. Fonte: Spitzer (1989, p. 91).

Ancona, na Itália, em 1854, Ida vivia em Viena desde os 16 anos de idade, quando seu pai, um próspero banqueiro da região de Voralsberg, decidiu instalar-se com a família na cidade. Os preparativos para o casamento começaram imediatamente ao anúncio do noivado, e, em setembro do mesmo ano, o matrimônio foi celebrado por um rabino. Segundo Leo Spitzer (1989), embora Viena tivesse uma das mais altas taxas de conversão de judeus ao cristianismo dentre as capitais europeias, nenhum membro da família Zweig ou Brettauer abandonou a religião de origem. No ano seguinte ao casamento, no dia 13 de outubro, o casal dava as boas-vindas ao primeiro filho, Alfred; dois anos depois, em 28 de novembro de 1881, ao caçula Stefan.

Com o decorrer dos anos, apesar do aumento considerável de sua fortuna, Moriz Zweig manteve uma de suas principais características: a cautela no que se refere às atividades financeiras. Nas memórias que o filho Stefan Zweig escreveu décadas mais tarde, estão registradas as seguintes observações sobre a atitude do pai: “o estilo da nossa família só acompanhou muito lentamente o aumento cada vez mais rápido de sua fortuna”. Graças a essa cautela, mesmo em períodos de fortes turbulências econômicas, os Zweig conseguiram



Moriz Zweig, pai de Stefan Zweig
(1845-1926), s.d.
Estúdio Reuter & Pokorny.
Fonte: Matuschek (2011, p. 27).



Ida Zweig, mãe de Stefan Zweig
(1854-1938), s.d.
Fotógrafo: Josef Szekely,
Fonte: Matuschek (2011, p. 28).

gozar uma vida exemplarmente estável. Para Moriz, não era importante exteriorizar a riqueza. A mãe, no entanto, que pertencia a uma longa linhagem de banqueiros de origem “internacional”, buscava transmitir aos filhos a sua “consciência de classe”:

Naquela família [os Brettauer] já não havia mais pequenos comerciantes e corretores, apenas banqueiros, diretores, professores, advogados e médicos. [...] Era uma família que prezava cuidadosamente seu nome, e quando uma jovem parente mais pobre chegava à idade de se casar, toda a família contribuía para um magnífico dote, apenas para evitar que ela se casasse com alguém que não estivesse à altura. [...] Esse orgulho de ser de uma “boa família” era inextinguível em cada Brettauer, e quando, anos mais tarde, algum deles queria me testemunhar sua especial benevolência, dizia, condescendente: “Você é um verdadeiro Brettauer”, como se quisesse dizer: “puxou ao lado certo” (ZWEIG, 2014).

Stefan Zweig



Rua Schottering, em Viena, c. 1900, onde ficava a residência dos Zweig.
Cartão-postal produzido por Würthle & Sohn Nachfolger. Salzburg, c. 1900.
Zentrales Verzeichnis Antiquarischer Bücher.
Disponível em: <<https://www.zvab.com/buch-suchen/titel/wien-schottenring/>>.
Acesso em: 2 ago. 2018.



Placa comemorativa instalada na residência da família Zweig, onde Stefan nasceu em 1881.
“Nesta casa, em 28 de novembro de 1881, nasceu Stefan Zweig. Ele foi um dos mais importantes escritores e poetas da Áustria. Um grande homem e um cosmopolita.”
Fotógrafo não identificado, s.d.
Fonte: Vienna Tourist Guide.
Disponível em: <http://www.viennatouristguide.at/Gedenktafeln/pers/Z/zweig_1_ring.htm>.
Acesso em: 2 ago. 2018.



Stefan Zweig e a babá Margarete. Estúdio A. Langen. Viena, c. 1882.
Zweig Collection, State University of New York-Fredonia.
Fonte: Matuschek (2011, p. 22).

Tal como era hábito entre as famílias judaicas, a infância dos irmãos Zweig foi marcada por uma forte ênfase na educação e na cultura, promovidas tanto pelos pais quanto pelas governantas e babás que a família contratava. Ao estudo de línguas somavam-se também o da música e das artes em geral. O ambiente familiar era propício para esse aprendizado, pois Ida falava várias línguas, assim como Moriz, que era, além disso, um

Stefan Zweig



Stefan e Alfred Zweig. Fotografia não identificado, s. d.
Zweig Collection, State University of New York-Fredonia.
Fonte: Matuschek (2011, p. 36).

exímio pianista. Em 1887, aos quase 6 anos de idade, Stefan começou a frequentar a escola primária.

O contínuo aumento da fortuna da família Zweig fez com que em 1895, com dois filhos adolescentes, Moriz e Ida decidissem deixar o apartamento da Rua Schottering, mudando-se então para um elegante edifício na Rathausstrasse nº 17, no mesmo andar onde já morava a avó materna de Stefan e Alfred, Josefine Brettauer. Poucos anos antes da mudança, Stefan havia começado a frequentar o chamado “liceu”. Dentro da escola, porém, Zweig (2014), tal como relata na *Autobiografia: o mundo de ontem*, não parece ter vivido seus momentos mais felizes:

É que, para ser honesto, todo o meu tempo de escola não passou de enfado, aumentado a cada ano pela impaciência em poder escapar àquela rotina. Não me recordo de alguma vez ter me sentido “alegre” ou “feliz” dentro daquela monotonia escolar sem coração e sem espírito,



Edifício na Rathausstrasse, em Viena, onde os Zweig passaram a morar a partir de 1895.

Fotografia: Büchhändler, 2009.

Disponível em: <[http://www.wikiwand.com/de/Rathausstra%C3%9Fe_\(Wien\)](http://www.wikiwand.com/de/Rathausstra%C3%9Fe_(Wien))>.

Acesso em: 2 ago. 2018.

Stefan Zweig



Ginásio Maximilian – Wasagasse a partir de 1895 – em Viena. Escola onde Stefan Zweig estudou entre 1892 e 1900. Fundada em 1871, era um dos principais estabelecimentos de ensino para onde as famílias cultas judaicas enviavam os filhos. Em 1900, 70% dos alunos eram judeus. s. d. Fotografia não identificado. Disponível em: <www.wikiwand.com/de/Gymnasium_Wasagasse>. Acesso em: 2 ago. 2018.



Placa comemorativa em homenagem a ex-alunos famosos que estudaram no Wasagasse, s.d.

Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <www.wikiwand.com/de/Gymnasium_Wasagasse>.

Acesso em: 2 ago. 2018.

que nos estragou por inteiro a época mais linda e livre da existência [...]. E o único momento realmente feliz que devo à escola foi o dia em que fechei sua porta para sempre atrás de mim.

A alma do intelectual, filósofo e livre pensador já estava delineada. Embora Stefan Zweig (2014) reconhecesse que o programa da escola tinha qualidades, “era justamente esse desamor ao ser humano, essa impessoalidade austera e o jeito de quartel no trato que nos indignavam inconscientemente”. Anos mais tarde, quando já era escritor famoso, foi convidado a fazer um discurso no cinquentenário da escola, mas recusou o convite.

As artes, as letras, os amigos

Entretanto, o jovem Stefan Zweig (2014) e seus amigos conseguiam encontrar brechas nesse sistema, principalmente nos últimos anos, quando, em suas próprias palavras, já haviam “ultrapassado a escola no nível intelectual”. Viena, com todos seus encantos, chamava-os para fora daqueles muros: “Assim, nossa sede de saber represada, a curiosidade intelectual, artística, estética, voltou-se apaixonadamente para o que ocorria fora da escola” (ZWEIG, 2014). Zweig e o seu grupo de amigos eram apaixonados pela literatura, pelo teatro e pelas artes:

Essa sede de saber e de conhecer tudo o que acontecia nos ramos da arte e da ciência nos assaltara como uma febre; de tarde, nos misturávamos aos estudantes da universidade para assistir às palestras, visitávamos todas as exposições de arte, íamos aos anfiteatros de anatomia para assistir às disseções. Farejávamos tudo com nossas narinas curiosas. Sorrateiramente, entrávamos nos ensaios da Filarmônica, escarafunchávamos os antiquários, passávamos em revista todos os dias as vitrines das livrarias para conhecer as novas publicações. E, acima de tudo, líamos. Líamos tudo o que caía em nossas mãos. Íamos buscar livros em todas as bibliotecas públicas, emprestavamos uns aos outros o que podíamos obter (ZWEIG, 2014).

O ambiente familiar na residência dos Zweig também encorajava os interesses intelectuais de Stefan. Tanto Moriz quanto Ida eram assíduos frequentadores das atividades culturais que a cidade oferecia, e a leitura era parte fundamental de seu cotidiano. Foi nessa época que Stefan Zweig deu início a uma de suas grandes paixões: a coleção de manuscritos literários e

Stefan Zweig

históricos; o que havia começado apenas com um conjunto de autógrafos passou mais tarde a pequenos fragmentos originais de autores que admirava e posteriormente a manuscritos inteiros, partituras e documentos históricos de figuras como Goethe, Dostoievsky, Beethoven, Maria Antonieta, Schubert, Thomas Mann, Balzac, entre centenas de outros. Essas coleções, no entanto, não eram somente um passatempo, e sim objetos de estudo sobre os quais Zweig baseava seus próprios escritos.^A



Stefan Zweig (em pé) e o irmão Alfred.
Fotografia: Kunst Salon Pictzner. Viena, c.
1900.

Zweig Collection, State University of New
York-Fredonia.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Portraits_of_Stefan_Zweig#/media/File:Stefan_Zweig_1900.jpg>. Acesso em: 2 ago. 2018.

A-Durante o exílio, como veremos adiante, Zweig teve que dispersar essa coleção, uma das mais ricas da Europa. Em 1986, um conjunto de mais de 200 itens dessa coleção que ainda estava em poder dos herdeiros de Zweig foi doado à British Library.



Silberne Saiten, 1901, primeiro livro publicado por Stefan Zweig pela Editora Schuster & Loeffler.

Design de capa: Hugo Steiner.

Disponível em: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/silberne-saiten-9989/1>>.

Acesso em: 2 ago. 2018.

No dia 12 de julho de 1900, Zweig fez o exame final na escola secundária. Uma etapa da vida havia passado, mas não sua dedicação às letras. Enquanto Alfred, dois anos mais velho, passou a dedicar-se aos negócios da família, Stefan insistiu em inscrever-se na Universidade de Viena para estudar filosofia e história da literatura. O imediato reconhecimento de seu talento após a publicação de seus primeiros escritos, e principalmente de seu primeiro livro *Silberne Saiten* [*Cordas de prata*], em março 1901 – com apenas 19 anos de idade –, fez que seu pai, ainda não totalmente convencido de que esse era o melhor caminho para Stefan, apoiasse inteiramente sua vocação.

Silberne Saiten não passou despercebido pelos jornais da época que, na maior parte, dedicaram críticas favoráveis ao trabalho do jovem escritor. Ao mesmo tempo, seus trabalhos também começaram a ser publicados em jornais

vienenses. A qualidade desses escritos conduziu-o, então, ao veículo de imprensa mais importante da Áustria, o *Neue Freie Presse*, cujo editor era Theodor Herzl. Em *Autobiografia: o mundo de ontem*, Zweig (2014) comenta: “o primeiro homem de projeção histórica diante do qual me vi – naturalmente sem saber que enorme mudança ele viria a causar no destino do povo judeu e na história de nosso tempo”.

Mas, além do talento para as letras e da sensibilidade para as artes, havia algo mais que caracterizava Stefan Zweig: era justamente a qualidade de atrair para seu círculo “homens de projeção histórica”, e não somente em Viena. Ainda nos anos de universidade, e durante toda sua vida, Zweig formou fortes laços com as personalidades mais proeminentes da época, mantendo com elas uma frutífera correspondência. Entre os nomes da longa lista, estavam:

Sigmund Freud, Auguste Rodin, Hermann Hesse, Pirandello, Martin Buber, Romain Rolland, Walter Rathenau, Arthur Schnitzler. Seu ritmo de produção era também intenso. Ao receber seu diploma da Universidade de Viena em 1904, Zweig já havia publicado aproximadamente dez livros. Ao mesmo tempo, tornara-se um viajante compulsivo, tendo visitado, ainda muito jovem, países como a Índia, os Estados Unidos, o Canadá e Cuba.

Primeira ruptura: a Grande Guerra

Stefan Zweig, então com 32 anos de idade, soube que a Alemanha havia invadido a Bélgica quando estava em férias nesse país, na cidade de Osten. Os anos que se seguiram destruiriam, como talvez nenhum outro período até então, muitas das certezas daqueles que o vivenciaram e também gerariam outras. O pacifismo foi uma das certezas que Zweig gestou nesse período, a qual se revelaria intensamente após testemunhar as agruras daqueles anos. Até 1914, no entanto, o espírito da cultura germânica e um claro entusiasmo nacionalista falavam mais alto. É o que revela seu artigo intitulado “Ein Wort von Deutschland” [“Uma palavra da Alemanha”], publicado no periódico *Neue Freie Presse*:

Com ambos os punhos, para a esquerda e para a direita, a Alemanha deve atacar agora e assim remover as duplas garras de seus opositores. Cada músculo de sua gloriosa força nacional está tenso, cada nervo de sua vontade treme com coragem e confiança. Fortalecida nos mais de 40 frutíferos anos de paz que de nenhuma maneira a amoleceram, equipou-se pela constante consciência da proximidade do inimigo e em todos esses anos de paz, a cada minuto, preparou-se para a guerra com circunspecta previsão, educou a mais valiosa marca do caráter alemão, aproximou-o ao nosso lado pela irmandade da espada. [...] É precisamente na escuridão desta hora que o mistério da força alemã estará mais aparente do que nunca perante os olhos do mundo: o domínio de sua organização (ZWEIG, 1914, p. 2-3).

Mas, como tudo na trajetória de Zweig, não é possível fazer afirmações únicas ou definitivas a seu respeito; as demonstrações de patriotismo impressas no artigo do *Neue Freie Presse* devem ser matizadas com alguns tons intermediários e devidamente contextualizadas. Talvez até aquele momento, quando ainda não se sabia dos horrores que aquela guerra reservava,

uma de suas mais claras e imediatas consequências foi, para Zweig, o rompimento de muitas relações de amizades com pessoas que haviam sido fundamentais em sua formação intelectual, como o poeta belga Emile Verhaeren, de cujas obras Zweig fora tradutor (ZOHN, 1951, p. 199-206). Em carta publicada no prestigioso periódico alemão *Berliner Tageblatt*, em 19 de setembro de 1914, Zweig se dirige “Aos Amigos em Terras Estrangeiras” [“An die Freunde in Fremdland”]. Nessa carta, transparecem parte de seu nacionalismo de então e, ao mesmo tempo, a consciência de saber que algo de muito profundo havia mudado, que os termos daí em diante seriam outros:

Adeus, meus queridos, vocês companheiros de tantas horas fraternas na França, Bélgica e Inglaterra, precisamos nos afastar agora, por um longo tempo. Nenhuma palavra, nenhuma carta, nenhum olhar que eu possa enviar a vocês em suas agora hostis cidades chegará a vossas mãos. E se chegassem, não atingiriam seus corações. De repente, estamos separados uns dos outros pela violência – nós que por um longo tempo estivemos unidos em amizade e afinidade comum. Porém, não lamento. Porque, pela primeira vez, não nos entenderíamos [...]. Não somos quem éramos antes da guerra, e o destino de nossa pátria põe-se de pé em meio a nossos sentimentos (ZWEIG, 1914b, p. 2).

Em outro trecho da mesma carta, Zweig (1914b, p. 2) expressa:

Agora minha própria causa não mais existe, não conheço amizades, não devo conhecê-las, a não ser a amizade da nação inteira. Meu amor e meu ódio não mais me pertencem. [...] O camponês alemão mais humilde, que mal entende uma palavra de minha língua, e certamente nenhuma palavra de meu coração, está mais próximo de mim nestas horas do que vocês, meus queridos, a quem com tanta frequência abri meus sentimentos mais íntimos – sempre abraçados por entendimento, sempre compreendidos com confiança.

A trajetória de Zweig até então revela quão pouco provável seria que, justamente ele, um homem que parecia não ter outras amizades a não ser a dos frequentadores dos salões intelectuais da Europa, de repente percebesse que ter um camponês alemão como interlocutor seria mais viável naquele momento. Sua posição, então voltada à causa germânica, era na verdade apenas parte daquilo que o diferenciava de seus “amigos das terras estrangeiras”.

A tensão provavelmente estava mais na necessidade pessoal de Zweig de distanciar-se da política em um mundo onde isso já não era mais possível. Em sua formação, no seio da elite judaica vienense, a política estava fora de seu círculo de interesses; não era nem mesmo de “bom-tom” falar em política. Os tempos de guerra, no entanto, haviam destruído a irmandade intelectual que Zweig havia cuidadosamente construído. Nesse sentido, é possível pensar que seu nacionalismo, de certa forma, fosse na verdade uma tentativa desesperada de agarrar-se ao que ele mesmo, talvez naquele momento ainda não claramente, visse que estava desaparecendo para sempre. Anos mais tarde, já no exílio, chegou a vislumbrar o que aqueles tempos diziam:

O verdadeiro acontecimento dos nossos anos de juventude foi que algo de novo se preparava para ocorrer nas artes, algo de mais passional, problemático, tentador do que aquilo que satisfizera os meus pais e seu entorno. Fascinados por esse recorte da vida, não percebíamos que essas transformações no campo estético eram apenas irradiações e prenúncios de transformações muito mais amplas que haveriam de abalar e, por fim, destruir o mundo dos nossos pais, o mundo da segurança (ZWEIG, 2014).

Esse “mundo dos pais” e o “mundo da segurança”, no entanto, eram visões idealizadas da sociedade, circunscritas aos círculos que a família Zweig e outras como a dele frequentavam. Um pouco abaixo da superfície, inúmeros elementos recombinavam-se em crescente ebulição. A Primeira Guerra Mundial foi a primeira demonstração de que esse mundo não passava de uma miragem. A paixão germânica de Zweig, compartilhada pela maioria dos habitantes e dos amigos em terras não estrangeiras, foi duramente atingida com a derrota da Alemanha na guerra, e os novos elementos a partir de então rearranjados em um quebra-cabeça desordenado voltavam a recombinar-se para, como em uma bomba de efeito retardado, explodir novamente poucas décadas depois.

Em torno do mundo de Zweig – mais especificamente na Viena de Zweig –, havia um outro mundo por onde circulavam ideias e elementos que mais tarde mudariam irreversivelmente os destinos da humanidade e, portanto, do continente, do país, da cidade, do escritor. Além da Viena dos artistas e intelectuais, dos teatros, palácios e elegantes cafés, havia uma outra que apresentava claros sinais de decadência em meio a forças sociais conflitantes e

resultantes do próprio processo de modernização. A dinâmica da política, da qual Stefan Zweig queria distanciar-se, tornava-se cada vez mais complexa; o liberalismo esbarrava em diversos obstáculos, e alguns grupos, até então fora do espectro, entravam em cena formando associações e partidos; alguns deles integraram em seu credo uma postura que a elite judaica vienense da época havia tido por bem ignorar: o antissemitismo.

Nesse fenômeno, duas figuras na cena política vienense tiveram, ainda no final do século XIX, um importante papel. A primeira delas foi Georg Ritter von Schönerer, fundador do nacionalismo pangermânico, que, nas últimas décadas, aglutinou em torno à sua ideologia antissemita vários setores da sociedade, tendo deixado um forte legado principalmente entre os círculos de estudantes. A segunda delas foi Karl Lüger, prefeito de Viena entre 1897 e 1910, que soube, por meio de seus discursos inflamados, angariar votos nos estratos sociais menos favorecidos, usando como propaganda o ódio aos judeus, fundamentalmente aos judeus capitalistas, os quais acusava de “dominar” a economia do império. O discurso e a ideologia de ambos teriam um forte impacto em uma personagem que viveu na Viena de Zweig entre 1908 e 1913: Adolf Hitler. Esse contexto político deixa claro, portanto, que o “mundo da segurança” de Zweig não era tal como ele acreditava ser. De qualquer maneira, naqueles anos do pós-Primeira Guerra Mundial, a vida parecia ir voltando à normalidade.

Uma nova vida em Salzburg

Em fevereiro de 1920, Stefan Zweig, que por alguns anos vinha mantendo um relacionamento amoroso a respeito do qual somente seu irmão e amigos mais íntimos sabiam, casou-se com Friderike von Winternitz. Com as duas filhas do primeiro casamento de Friderike, Alexia e Susanna, o casal mudou-se para uma casa que ele havia adquirido em Salzburg, cidade localizada a aproximadamente 300 quilômetros a oeste de Viena.

Nos anos 1920, Zweig havia se tornado um fenômeno editorial não somente em alemão, mas também em outras línguas, como inglês, espanhol, búlgaro, finlandês, armênio e chinês. Naquele tempo, chegou a ser o autor mais traduzido no mundo. As peças de teatro de Zweig e alguns filmes baseados nas obras dele também alcançaram enorme sucesso de público e crítica. Uma das mais importantes, *Jeremias*, drama escrito nos últimos anos da



Friderike von Winternitz (1882-1971), s.d.
Fotógrafo não identificado.
Disponível em: <<http://www.stefanzweig.de/>>.
Acesso em: 2 ago. 2018.

Primeira Guerra Mundial, estava entre suas obras preferidas e relata a história do profeta bíblico; era também um manifesto contra os horrores da guerra.

O conflito, porém, havia sacudido a Europa de maneira irreversível. Por todo o continente, as crises do período encontravam respostas em movimentos que anos mais tarde, aos poucos, de país em país, conduziram ao totalitarismo. A profunda depressão econômica que sucedeu



A casa da Rua Kapuzinenberg nº 5, em Salzburg, na Áustria.
Nesse endereço, Stefan Zweig viveu até sua partida para o exílio em 1934. s.d.
Fotógrafo não identificado.
Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/cam37/3429632546>>.
Acesso em: 2 ago. 2018.

à queda da bolsa de valores de Nova York atingiu duramente os países europeus com graves efeitos na situação social, aumentando o choque das diferentes forças da sociedade em ondas sísmicas. A mãe de todos os cataclismos, porém, teria seu início em janeiro de 1933, com a chegada de Hitler ao poder na Alemanha. Assim que assumiu, seu governo começou a mover-se vertiginosamente na direção de um regime de terror. O discurso antissemita do nazismo ecoava como verdade em muitos ouvidos. Na escalada desse processo que culminaria no genocídio de seis milhões de judeus, as primeiras ações do nazismo, no entanto, foram justamente contra os intelectuais.

A segunda ruptura: o nazismo Auto de fé dos livros proibidos

Imediatamente à subida ao poder do nazismo, Joseph Goebbels, o ministro de Propaganda e Esclarecimento de Hitler, iniciou o processo de alinhar as artes e a cultura à ideologia nazista. Essa política, denominada *Gleichaltung*, tinha como objetivo “limpar” as instituições e organizações culturais de todo elemento “não alemão”, independentemente de pessoas ou produções artísticas ou literárias, sobretudo de vanguarda, consideradas então “degeneradas”. Para alcançar esses objetivos, Goebbels obteve, entre as organizações aliadas a ele, apoio da Associação de Estudantes Alemães Nacional-Socialistas (Nationalsozialistischer Deutscher Studentenbund – NSDStB). Em 6 de abril de 1933, essa associação, junto com outras, proclamou uma ação nacional contra o que chamou de “espírito não alemão”. Entre as 12 “teses” apontadas pelas associações em seu manifesto, estava o ataque ao “intelectualismo judeu”, e as ações propostas eram descritas como resposta à “campanha do judaísmo mundial contra a Alemanha”.^A

Na noite de 10 de maio de 1933, ou seja, pouco mais de três meses depois do início do novo governo, dezenas de milhares de estudantes em 34 cidades universitárias alemãs reuniram-se para iniciar um macabro ritual de queima de milhares de livros, em fogueiras localizadas em pontos centrais. Em Berlim, cerca de 40 mil estudantes universitários reuniram-se na Opernplatz, para, além de queimar livros, ouvir o discurso de líderes estudantis, professores, reitores e do próprio Joseph Goebbels:

A-A queima de livros organizada pelos estudantes nazistas em 1933 não foi a primeira a ser realizada na Alemanha. Em 1817, em comemoração aos 300 anos de Martinho Lutero, associações de estudantes nacionalistas conduziram um evento em Wartburg – cidade onde o pai da Reforma Protestante se refugiou após ser excomungado – no qual se manifestaram a favor da unificação do país queimando textos por eles considerados “não alemães”. Os manifestantes de 1933, também evocando Lutero e as 95 teses que proclamou denunciando a Igreja Católica, declararam suas próprias teses – 12 ao todo – por meio das quais, entre outros aspectos, atacam o “intelectualismo judeu” e conclamam a necessidade de “purificação” da língua e cultura alemãs. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005852>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

Meus colegas estudantes, homens e mulheres alemães, a era de exagerado intelectualismo judaico chega agora a seu fim. O triunfo da revolução limpou o caminho para a via alemã; e o futuro homem alemão não será somente um homem de livros, mas também um homem de caráter e é para essa finalidade que queremos educar vocês. Para que, ainda jovens, vocês tenham a coragem de olhar diretamente nos olhos impiedosos da vida. Para repudiar o medo da morte e assim ganhar novamente o respeito pela morte. Essa é a missão dos jovens e vocês fazem bem a esta hora confiar às chamas o lixo intelectual do passado.^A

Os títulos de autores judeus foram o principal alvo escolhido para a orgia. Por ser um dos mais famosos autores contemporâneos e também judeu, inúmeros exemplares de títulos da vasta lista que Stefan Zweig havia escrito ao



Multidão reunida na Opernplatz para a queima de livros. Berlim, 10.5.1933.

Fotografia: World Wide Photo. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/media_ph.php?ModuleId=10005852&MediaId=854>.

Acesso em: 2 ago. 2018.

A-Joseph Goebbels (1897-1945) foi ministro de Esclarecimento e Propaganda de Adolf Hitler, responsável pela política conhecida como *Gleichaltung*, a qual visava ao alinhamento das artes e da cultura alemãs às diretrizes da ideologia nazista. Por meio dela, os judeus e todos aqueles que produzissem obras consideradas “degeneradas” foram forçados a deixar as organizações culturais da Alemanha. A Associação de Estudantes Alemães Nacional-Socialistas (Nationalsozialistischer Deutscher Studentenbund – NSDStB) encontrou em Goebbels um forte aliado na ação de “limpeza” da literatura que teve lugar em 10 de maio de 1933. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005852>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

longo das décadas foram arremessados às várias fogueiras que queimaram por toda a Alemanha naquela noite.



Principais cidades alemãs onde houve queima de livros em 10 de maio de 1933.

Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/media_nm.php?ModuleId=10005852&MediaId=3529>. Acesso em: 2 ago. 2018.

De cidadão internacional a judeu Zweig

Os ataques aos intelectuais judeus não se limitaram àquele infame evento de 10 de maio de 1933. No caso de Zweig, sua projeção pública converteu-o em alvo de ataques também por parte da imprensa, mediante críticas e escândalos forjados. Ainda em novembro de 1933, Anton Kippenberg, seu editor alemão e proprietário da Insel Verlag, recebeu uma carta da associação de livreiros alemães com uma lista confidencial de obras que seriam retiradas imediatamente de circulação. Entre eles, nada menos do que 15 títulos de Stefan Zweig (MATUSCHECK, 2011, p. 256). Entretanto, apesar de todos esses sinais claros e enquanto muitos de seus amigos das letras começavam a partir para o exílio, Zweig considerava que, de

alguma maneira, ainda estava a salvo. Continuou assim suas viagens pela Europa, embora evitasse ir à Alemanha. Mais tarde, iniciou inclusive uma parceria com Richard Strauss – que havia sido nomeado por Goebbels à presidência do Conselho de Música do Estado^A – para produzir o libreto de uma ópera, uma honra para Zweig que considerava Strauss “o maior e mais famoso compositor vivo da nação alemã”. No entanto, em fevereiro de 1934, a ameaça ficou visível, como ele mesmo relata em suas memórias:

Eu regressara à tarde de Viena para minha casa em Salzburg, encontrara pilhas de provas tipográficas e de cartas e trabalhara até tarde da noite para pôr tudo em dia. Na manhã seguinte, eu ainda estava na cama, alguém bateu à porta: nosso bravo velho criado, que nunca me acordava a não ser que na véspera eu tivesse determinado expressamente um horário, entrou com o rosto perturbado. Pedi-me que descesse, pois tinham chegado homens da polícia que desejavam falar comigo. Fiquei surpreso, vesti meu robe e descí. Ali havia quatro policiais à paisana que declararam ter ordens de revistar a casa e que eu entregasse logo todas as armas da Liga de Defesa Republicana que estavam escondidas ali.

[...]

Os quatro detetives passearam pela casa, abriram alguns armários, bateram em algumas paredes, mas pelo modo desleixado ficou logo claro para mim que aquela investigação era *pro forma* e que nenhum deles acreditava seriamente em um depósito de armas naquela casa. Depois de meia hora deram a busca por terminada e desapareceram.

A-Em 1935, Richard Strauss (1864-1949) teve que renunciar ao cargo por causa de sua parceria com Zweig. Embora, ao longo da carreira, tivesse tido parcerias com proeminentes intelectuais judeus, sua colaboração com figuras do nazismo fez com que Strauss fosse considerado uma figura ambígua e polêmica, visto por muitos, como Hannah Arendt (2007, p. 325), como um antisemita. Até 1998, o governo de Israel manteve um embargo às obras de Strauss.

[...]

A partir daquela visita policial, me desgostei da minha casa, e algo me dizia que tais episódios seriam apenas um tímido prelúdio de intervenções de alcance muito mais amplo. Na mesma noite comecei a arrumar meus principais papéis, decidido a viver para sempre no exterior [...] (ZWEIG, 2014).^A

Stefan Zweig partiu então para Londres onde fixou residência em um apartamento de um prédio recém-construído na Rua Hallam nº 49. A ruptura em relação à Áustria não seria ainda definitiva, permanecendo em trânsito entre Londres e Viena. No entanto, o mecanismo externo que iria transformar o Zweig cosmopolita no “judeu Zweig”, no dizer de Hannah Arendt (2007, p. 319), já havia entrado em ação. Não era um mecanismo desconhecido; ocorrera inúmeras vezes na longa história do antissemitismo. Ainda segundo Arendt (1973, p. 117), em sua obra *As origens do totalitarismo*, ao tratar do caso Dreyfus ocorrido na França no final do século XIX, a autora observara que este “já havia mostrado ao mundo que, em cada judeu nobre e multimilionário, havia ainda algo do antigo pária sem nação, para quem os direitos humanos não existem, e de quem a sociedade teria prazer de retirar os seus privilégios”. Mais adiante prossegue: “Precisamente por haverem representado papel tão insignificante no desenvolvimento político dos países em que viviam, a igualdade jurídica transformou-se, para eles [judeus], num fetiche, parecendo-lhes constituir a base indiscutível de sua eterna segurança” (ARENDDT, 1973, p. 117).

A-Zweig pressentira corretamente. A partir de 1934, começariam de forma sistemática as investidas de Hitler para anexar a Áustria. Em 25 de julho do mesmo ano, uma tentativa de golpe por parte de nazistas austríacos vitimou fatalmente o chanceler da Áustria Engelbert Dolfuss (1892-1934). Após o episódio, foi declarada lei marcial no país, e o novo governo instaurado liderado pelo chanceler Kurt Schuschnigg teve que recorrer à ajuda de outros países europeus para evitar a concretização do projeto expansionista da Alemanha. Mussolini enviou suas tropas para a fronteira dos dois países, respeitando um acordo de proteção previamente assinado entre o líder italiano e Dolfuss caso a Áustria fosse agredida. A Áustria ainda conseguiria resistir mais quatro anos, mas, em 12 de março de 1938, não foi mais possível fazer frente aos planos expansionistas do país vizinho. Nesse dia, as tropas alemãs invadiram a Áustria, e, no dia 13, o território do país era incorporado à Alemanha, evento conhecido como *Anschluss* (anexação).



Elisabeth Charlotte (Lotte) Altmann (1908-1942), s.d.
Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <<http://www.theartsdesk.com/books-theatre/private-life-stefan-zweig-england>>.

Acesso em: 2 ago. 2018.

No plano pessoal, o início do exílio de Zweig coincidiu com o processo que levaria ao fim de seu casamento com Friderike. Embora ela ainda estivesse a cargo da organização de muitos assuntos relacionados ao seu dia a dia, permaneceu com suas filhas na residência da Rua Kapuzinberg, em Salzburg. Como a maior parte de seus documentos e de sua coleção também estava em Salzburg, para conseguir retomar normalmente seus trabalhos, Zweig decidiu contratar uma secretária para a nova residência em Londres, a qual coordenaria tarefas com a outra secretária que permaneceu em Salzburg (MATUSCHEK, 2011, p. 264). Para ocupar o cargo, a candidata deveria ter fluência em alemão e inglês e um bom domínio do francês. A escolha recaiu sobre Elisabeth Charlotte Altmann,

ou Lotte, como preferia ser chamada. Nascida em Kattowitz – cidade que na época de seu nascimento pertencia à Alemanha e que hoje pertence à Polônia – após a ascensão do nazismo, Lotte foi impedida de estudar em seu país pelo fato de ser judia, transferindo-se então para Londres onde morava seu irmão, o Dr. Manfred Altmann.

Aos poucos, em Londres, Zweig foi retomando o ritmo de trabalho concentrando-se inicialmente na biografia de Mary Stuart, gênero pelo qual já havia incursionado algumas vezes ao longo da carreira. Mas talvez a mais contundente das biografias escritas por Zweig tenha sido a que acabara de publicar em 1934 sobre um dos personagens históricos que mais admirava, Erasmo de Rotterdam, livro que foi considerado pelo *New York Times*, no mesmo ano, “um penetrante estudo do grande humanista cuja tragédia era a de alguém que ficou no

meio do caminho em tempos turbulentos” (PROCHNIK, 2014). A biografia de Erasmo, porém, não foi somente um relato sobre o homem histórico; nela Zweig estabelece uma forte correspondência com a situação contemporânea à sua época. No fragmento que segue, por exemplo, é difícil deixar de pensar que não tenha sido escrito com o olhar direcionado à Europa dos anos 1930:

Às vezes, no entanto, muito raramente ao longo dos séculos, antagonismos atingem tais níveis de tensão que é como se algo estivesse a ponto de se romper. Então, um verdadeiro furacão se precipita sobre a terra, despedaçando a humanidade como se esta fosse um pano frágil que as mãos pudessem rasgar. [...] Em momentos tão terríveis de delírio em massa e de divisão do mundo dos homens, o indivíduo se torna desamparado (ZWEIG, 2015).

Em meio ao caos em acelerada formação na Europa, outra das preocupações de Zweig era sua valiosíssima coleção de manuscritos; foi em Londres que decidiu começar a distribuí-los em diferentes localidades e a iniciar a venda de outros. Um dos locais que receberam parte dos documentos como doação foi a Biblioteca Nacional de Israel, localizada em Jerusalém, para onde enviou principalmente manuscritos de autores judeus; talvez um sinal de que, embora não tendo sido favorável ao movimento nacional judaico, Zweig começava a entender a necessidade de um Estado para os judeus.^A

A-Nessa biblioteca, encontra-se também o original da declaração que Zweig deixou quando cometeu suicídio em Petrópolis, em 1942. Ela foi doada à instituição no início dos anos 1990. Mais informações estão disponíveis em: <www.haaretz.com/jewish/israeli-library-uploads-suicide-letter-of-jewish-writer-stefan-zweig-1.414312>, acesso em: 19 abr. 2017. A afirmação sobre uma possível evolução acerca da importância do sionismo e do trabalho de Theodor Herzl para o povo judeu está baseada nas próprias memórias de Zweig (2014): “No primeiro momento, Herzl podia se sentir incompreendido. Viena, onde se sentia mais seguro, com seu vasto prestígio, abandonava-o e até zombava dele. Mas então a resposta retumbou com tanta veemência e êxtase que ele se assustou com o movimento poderoso e amplo que despertara com algumas dezenas de páginas. Naturalmente, essa resposta não vinha dos judeus bem-situados [...] e sim das gigantescas massas no Leste [...]. Sem imaginar, Herzl inflamara com sua brochura o núcleo do judaísmo que ardia sob as cinzas do estrangeiro, o sonho milenar e messiânico da promessa da volta para a Terra Prometida confirmada pelos Livros Sagrados [...]. Sempre quando alguém – profeta ou impostor – tangeu essa corda nos dois mil anos da maldição, pôs a vibrar a alma inteira do povo, mas nunca com tanta intensidade, com tanta retumbância. Com algumas dezenas de páginas, um único homem unira uma massa dispersa e desunida”. Aqui Zweig refere-se ao livro de Theodor Herzl *Der Judenstaat* [*O Estado dos judeus*] de 1896.

A nova Marlene Dietrich...

Apesar das restrições na Alemanha, os livros de Zweig continuaram sendo *best-sellers* no mundo inteiro, o que o fez prosseguir com sua agenda de viagens, palestras e lançamentos. Era também uma forma de escapar ao ambiente que cada vez mais oprimia a Europa, e, após uma viagem aos Estados Unidos em 1935 e outra a Viena em 1936 para o aniversário de 85 anos de Ida, sua mãe – Moriz, seu pai, havia falecido em março de 1926 –, Stefan Zweig decidiu aceitar um convite para participar no XIV Congresso Internacional de Clubes P. E. N., em que faria um discurso em homenagem a H. G. Wells. O governo brasileiro, ao saber dessa primeira viagem de Zweig à América do Sul, estendeu a ele um convite para visitar o Brasil, visita esta que adquiriu caráter oficial.

Os meios de imprensa locais anteciparam a chegada do escritor com grande expectativa. A popularidade de Zweig no Brasil já era enorme. Várias de suas obras estavam disponíveis em língua portuguesa, e o estilo de suas novelas agradava sobremaneira ao público brasileiro, tendo sido talvez a de maior sucesso *24 horas na vida de uma mulher*, publicada em 1927 e levada ao cinema em 1931. Outro gênero que popularizou seu nome na época, o da biografia, teve também intensa repercussão no Brasil; entre as obras do gênero, *Maria Antonieta: retrato de uma mulher comum*, lançada originalmente em 1932. A abordagem psicológica de personagens célebres que Stefan Zweig retratava nesse gênero – em um momento em que os estudos de Freud atingiam também popularidade – cativava os leitores e intrigava e instigava os críticos. Em 4 de setembro de 1933, o jornal *O Globo* publicava uma coluna assinada por Thomás Murat intitulada “Stefan Zweig, o evocador de fantasmas”, a qual captura esse ânimo:

Stefan Zweig passeia no mundo dos mortos. A glória dos que dormem numa mortalha de farrapos é seu domingo tranquilo, feliz, claro e ardente. É um solitário Stefan Zweig. Ama somente os silenciosos companheiros, os grandes e bons fantasmas de nosso espírito [...]. Os túmulos – eis os seus livros. Folheia-os como um misterioso sábio, devorando-lhe as páginas de pedra [...]. Stefan Zweig é um estranho. Amo-o por isso – eu que vivo com meus espectros familiares. [...] Mas há nisso um vago, um inquietante sacrilégio. [...] Certamente,

Stefan Zweig

Stefan Zweig tem a piedade e o sonho. Mas a sua piedade inquieta o pudor da morte. E o seu sonho acorda os mortos que dormem na cinza das reminiscências [...] (p. 6).

Em 1935, o crítico Gonzaga Coelho, ao fazer a resenha de um estudo de Zweig sobre Holderlin, Kleist e Nietzsche, intitulado *A luta contra o demônio*, ressaltava o modo como Zweig “faz-nos a inteligência viajar por quase trezentas páginas de seu livro, mantendo uma constante atmosfera de calor [...]” (*O GLOBO*, 7.10.1935, p. 7). Mas, como ocorre com todo autor célebre, nem todos concordavam em ressaltar os talentos de Stefan Zweig no plano literário. Alguns críticos na imprensa brasileira iam além, estendendo as críticas ao homem, ao judeu – ou semita, termo também bastante utilizado –, à sua fortuna. Em 4 de julho de 1936, pouco antes da chegada de Zweig ao Brasil em sua primeira visita, o *Correio Paulistano* (4.7.1936, p. 5), na coluna intitulada “Cartas Cariocas”, assinada por Y., publicava:

Anuncia-se para breve a visita de Stefan Zweig, convidado oficialmente, afim de que encontre por aqui novos materiais para seus livros de exportação. O famoso escritor semita, como se sabe, tem nome universal a força das traduções dos volumes, que elabora sem cessar. Homem de grande fortuna, diante da perseguição nazista, ele foi para Londres e aí estabeleceu ateliê de escritor internacional. A bem dizer industrializou o ensaio histórico e a biografia de homens célebres. Informam os que conhecem os processos de Stefan Zweig que ele mantém uma grande turma de auxiliares, que redigem, cortam e organizam dossiês para os grandes livros, com os quais o escritor abarrota os mercados do mundo.

[...]

No Brasil, tem aparecido livros do famoso escritor judeu em edições que se multiplicam todos os dias, pode-se dizer. [...] O sr. Macedo Soares (ministro) teve a ideia de encomendar ao escritor semita uma biografia de brasileiro notável. [...] No curso da conversa, surgindo o nome de Santos Dumont, os aplausos foram unânimes. Desse modo, o famoso biógrafo judeu vai estudar Santos Dumont.

Sua chegada ao Rio de Janeiro teve lugar em 21 de agosto de 1936. Encontros e homenagens preencheram a totalidade da agenda durante a estada. O tratamento que recebeu no Brasil deixou Stefan Zweig entusiasmado, sentimento que transmitiu em uma carta à ex-esposa Friderike escrita em plena viagem, no dia 25 de agosto de 1936: “Estou tão feliz de estar aqui que nem posso começar a descrever a recepção que me deram; nos últimos seis dias, tenho sido a nova Marlene Dietrich” (cf. MATUSCHEK, 2011). Talvez um dos intelectuais que melhor traduziram o porquê da reação dos brasileiros à visita de Stefan Zweig tenha sido o escritor e então futuro acadêmico Viriato Correia que escreveu em coluna publicada no *Jornal do Brasil* em 23 de agosto de 1936:

Stefan Zweig não é o escritor deste ou daquele grupo de leitores. É o da totalidade. É o escritor dos brasileiros, de todos os matizes. Não há, no nosso país, quem não o tenha lido, desde a costureirinha que devorou de um fôlego os seus romances de amor, até o homem de cultura que leu e releu as suas emocionantes biografias históricas.

E no Brasil, Zweig não é querido por esta ou por aquela obra. É por todas. Queremo-lo integralmente (p. 5).

Entre as atividades oficiais, na mesma tarde após a chegada, sábado 22 de agosto, Stefan Zweig foi recepcionado no Itamaraty pelo ministro de Relações Exteriores José Carlos de Macedo Soares (1883-1968) (*JORNAL DO BRASIL*, 22.8.1936, p. 7), que, no dia seguinte, ofereceu ao autor um almoço no Jockey Clube do Rio de Janeiro para o qual foram também convidados “representantes da intelectualidade brasileira, diplomatas e pessoas da sociedade” (*CORREIO DA MANHÃ*, 23.8.1942, p. 2). Nessa mesma tarde, Zweig conheceu Petrópolis, aonde foi levado “em passeio de automóvel, sempre acompanhado pelo secretário de legação nomeado pelo Itamaraty para tal finalidade, Jaime Chermont (*JORNAL DO BRASIL*, 22.8.1936, p. 7).

Em 24 de agosto, às 14h30, reuniu-se com um numeroso grupo de jornalistas brasileiros no hotel onde estava hospedado, o Copacabana Palace. O encontro teve que ser realizado em seu próprio quarto – o 515 – tamanha era a multidão de admiradores que se aglomeravam na recepção, onde inicialmente havia sido programada a entrevista. No dia 25, às 16 horas, Stefan Zweig participou de uma audiência especial no Palácio do Catete, sede oficial do

governo, com o presidente Getúlio Vargas. Dali, às 17 horas, foi recebido na Academia Brasileira de Letras que “atraiu uma verdadeira multidão ao Petit Trianon, sede da ilustre casa de Machado de Assis”. Segundo descreve a reportagem, “o salão do hall, todas as salas térreas do edifício encheram-se de escolares e senhoritas da nossa alta sociedade, cavalheiros e jornalistas que ansiavam por ver de perto o famoso escritor [...]”.^A O primeiro a discursar na ocasião foi o acadêmico Múcio Leão, e, na sequência, foi a vez de Zweig dirigir-se ao público que estava ali para vê-lo e ouvi-lo. Após umas breves palavras em francês, prosseguiu em alemão com o texto que havia preparado para a ocasião, cuja tradução foi lida na sequência pelo cientista e ensaísta Miguel Osório de Almeida (1890-1953). Em sua fala, Zweig já desenhava as linhas mestras do que seria seu “livro sobre o Brasil”, ainda sem título. Eis alguns fragmentos publicados no dia seguinte no *Jornal do Brasil* (26.8.1936, p. 11):

A-Entre as reportagens, destacamos as seguintes: *Jornal do Brasil* (25.8.1936, p. 12), *Correio da Manhã* (25.8.1936, p. 2) e *Jornal do Brasil* (26.8.1936, p. 11).

Uma semana sulcou o navio mares imensos. Uma segunda, quase uma terceira parte da esfera terrestre havia atravessado. Afinal cheguei e então aconteceu o milagre: uma parte do meu ser, partículas vivas da minha essência já se encontravam aqui, antes que o meu físico chegasse a esta nova terra. Meus livros já estavam aqui, em outro idioma, com outras roupagens, nos mostradores das livrarias e, o que é mais, infinitamente mais – nos corações dos homens. [...]

Contudo, meus nobres colegas, paira ligeira sombra sobre a minha felicidade. Sinto-me – e por que não hei de dizê-lo? – um tanto envergonhado. Tenho uma grande dívida para convosco – não a minha, mas a grande dívida que todos nós na Europa sentimos. Haveis guardada

intacta a generosidade do coração. Recebeis a obra dos estrangeiros de braços abertos, não a afastais, não estais possuídos daquela reprovável xenofobia, que hoje torna a Europa tão moralmente odiosa.

E nós? Que sabemos nós de vós? Que fizemos por vós? É doloroso dizer, mas não sei quem na Europa pudesse falar sobre um dos vossos, com o mesmo conhecimento, com a mesma segurança, com que Múcio Leão se referiu a mim [...].

A edição do dia 27 de agosto do jornal *A Noite* trazia estampado na primeira página, junto a uma fotografia de Zweig com seu entrevistador, o título: “Serei o camelot do Brasil na Europa. Zweig, seus novos livros, seus futuros planos”. A entrevista com o “homem que tomou conta da cidade” ocorreu em 26 de agosto, e nela o jornalista ressaltava: “malgrado escritor de língua alemã, Zweig é, sob muitos aspectos, caracteristicamente latino. Pois latino é o seu humanismo e latino o objeto de muitas de suas grandes obras”. A entrevista começou com o relato em primeira pessoa das manifestações de encanto de Stefan Zweig com as maravilhas pela paisagem do Rio de Janeiro, a simplicidade de sua gente e alguns conselhos sobre como o Brasil deveria promover-se no exterior como destino turístico. A seguir, porém, a entrevista tomou outra direção: o interesse voltava-se para as opiniões de Zweig sobre os rumos da literatura na Áustria e Alemanha, nas palavras do jornalista, “tão revolucionada desde a implantação do estado totalitário” e onde “havia uma série de escritores judeus de alto coturno” que foram obrigados a deixar o país.^A Stefan Zweig, tal como fizera até então e continuaria fazendo nos anos seguintes, deixou clara sua recusa em tratar da questão, nos moldes reproduzidos na reportagem:

A-A Noite (27.8.1936, p. 1, 3).

Stefan Zweig

Prefiro não falar sobre a literatura alemã. Sou um escritor que, em toda a sua vida, evitou a política e hoje em dia é impossível falar em literatura alemã sem tocar em política. Quero continuar afastado dela. Não pode imaginar a grande felicidade que senti em passar estes dois meses, desde que iniciei a minha viagem, sem ouvir uma palavra de política, sem ler um jornal. Peço-lhe que me deixe continuando a minha cura d'alma... (*A NOITE*, 27.8.1936, p. 3).

No mesmo dia em que era publicada a entrevista do jornal *A Noite*, quinta-feira 27 de agosto, Stefan Zweig proferiu, perante uma enorme audiência reunida no Instituto Nacional de Música, uma das mais importantes palestras de sua visita e, poderíamos dizer, de seus anos de exílio. O conteúdo do texto intitulado “A unidade espiritual do mundo” revelava o teor de suas atitudes pacifistas e humanistas. Zweig declarava, entre outros aspectos, o que considerava ser o papel do intelectual: favorecer a ideia de unidade entre os povos e não aprofundar discórdias. Dizia ele:

Cada um de nós tem uma infinidade de coisas para fazer em silêncio: precisamos nos privar de qualquer palavra que possa aumentar a desconfiança entre pessoas e nações; ao contrário, temos o dever positivo de agarrar a menor oportunidade para julgar as realizações de outras raças, outros povos e países de acordo com o seu mérito, precisamos ensinar a juventude a odiar o ódio, porque ele é infértil e destrói o prazer da existência, o sentido da vida; precisamos educar as pessoas de hoje e amanhã a pensar e sentir em dimensões mais amplas. Precisamos ensinar a elas que é mesquinhez e exclusão limitar a camaradagem apenas ao próprio círculo, ao próprio país, em vez de se ter fraternidade além dos oceanos, para com todos os povos do mundo.^A

A-“L'Unité spirituelle du monde”: discurso proferido por Stefan Zweig na sala de concertos do Instituto Nacional de Música (Lapa, Rio de Janeiro), em 27 de agosto de 1936. O manuscrito original em alemão foi apresentado por Zweig ao chanceler brasileiro Macedo Soares. Em setembro de 1940, quando retornou à América do Sul, reiterou o discurso – a pedido do jornalista Cásper Líbero – na sede de *A Gazeta* e, entre 29 e 31 de outubro, apresentou-o em castelhano, traduzido por seu editor argentino Alfredo Cahn em conferências que realizou em Buenos Aires, Córdoba, Mendoza e Montevideo (cf. ZWEIG, 2013). Em 2017, a Casa Stefan Zweig (CSZ) lançou uma edição comemorativa do texto, cujo manuscrito original, reproduzido em fac-símile da obra, foi adquirido por Renato Bromfman, diretor da CSZ: *Stefan Zweig: a unidade espiritual do mundo*. Rio de Janeiro: Casa Stefan Zweig, Memória Brasil, Edições de Janeiro, 2017.

Após a palestra, uma comissão de estudantes universitários foi apresentar-lhe os cumprimentos, além de convidá-lo para uma visita, naquela mesma noite, à sede da Ação Universitária, à qual Stefan Zweig compareceu (*CORREIO DA MANHÃ*, 28.8.1936, p. 3). No dia seguinte, 28 de agosto, viajou para Teresópolis e à tarde cumpriu seu último compromisso no Rio de Janeiro com uma fala ao programa *Hora do Brasil*, organizada pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) e retransmitida por 43 emissoras em todo o país. Ali, transmitiu seu entusiasmo em relação ao que, naqueles poucos dias, viveu no Brasil:

Quanto orgulho deveis sentir, cariocas, de viver num paraíso destes e de embelezar ainda esse paraíso artístico. Para mim foi uma feliz revelação descobrir que uma cidade como a vossa coroa o mundo e como que parece que é dever precípua de escritor celebrar a beleza da terra e celebrar a beleza da humanidade, eu serei feliz de testemunhar a minha admiração na Europa e pelo resto do mundo. A vós, cariocas, meu profundo reconhecimento pelos dias inesquecíveis (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 29.8.1936, p. 2).

O objetivo do departamento e do governo – capitalizar sobre a celebridade do visitante, tanto nacional e internacionalmente – havia sido plenamente atingido. O homem que queria afastar-se da política e das tensões de seu tempo veria que essa era uma tarefa impossível. Depois daqueles poucos dias, o nome de Stefan, malgrado sua própria vontade, ficaria inserido de forma indelével no cenário político daquela que, alguns anos mais tarde, seria sua terra de adoção.

Stefan Zweig certamente não suspeitava que, em meio às sinceras manifestações de apreço dedicadas a ele durante sua visita, setores da sociedade brasileira, principalmente os vinculados a grupos católicos conservadores e aos integralistas, encarregavam-se de retomar e disseminar por meio de livros e periódicos um discurso antissemita que apontava o judeu como elemento “indesejável” à sociedade brasileira. Esse processo atingiria o *status* de política de Estado a partir da elaboração e implementação, em 7 de junho de 1937, da primeira de uma série de Circulares Secretas emitidas pelo Ministério de Relações Exteriores do Estado

Novo, que restringia fortemente a entrada de judeus no Brasil, justamente no momento em que as perseguições do regime nazista se intensificavam aceleradamente.²

O adeus à Europa

Antes de partir para Buenos Aires, Zweig fez ainda uma parada em S. Paulo, onde foi recebido por autoridades e admiradores. Após participar na capital argentina do XIV Congresso Internacional de Clubes P. E. N., Stefan Zweig retornou à Europa. No final de 1937, faria sua última visita a Viena, já que, em 13 de março de 1938, o *Anschluss* – a anexação da Áustria pela Alemanha nazista – fechava definitivamente as portas para milhares de judeus austríacos no exílio, convertendo em um inferno a vida daqueles que haviam ficado. Alfred Zweig, o irmão, conseguiu sair do país com a esposa via Suíça, e, embora tivesse conseguido um visto para a mãe e a enfermeira, a idade avançada de Ida Zweig e sua saúde debilitada impossibilitaram a saída. Alfred, antes de partir, providenciou todos os cuidados para Ida e, mesmo a distância, controlava seu bem-estar. Ela, no entanto, faleceu em 23 de agosto do mesmo ano. A tecelagem que o pai, Moriz Zweig, havia construído e tantos outros bens dos Zweig, no entanto, ficaram para trás confiscados pelos nazistas.

Em março de 1940, Stefan e Lotte Zweig, apátridas desde que a Alemanha invadira a Áustria, obtiveram a cidadania britânica. Permanecer na Inglaterra, porém, tornara-se arriscado. As invasões do Exército alemão na Dinamarca e Noruega e, posteriormente, os ataques a França, Bélgica, Luxemburgo e Holanda haviam deixado a Grã-Bretanha como a única opositora à Alemanha. Em junho de 1940, os Zweig partiram da Europa rumo ao continente americano; dessa vez, sem volta.

Em 21 de agosto de 1940, provenientes de Nova York, Stefan e Lotte Zweig desembarcaram novamente no Rio de Janeiro. Haviam se passado quatro anos desde a primeira visita ao Brasil. A Áustria de Stefan Zweig era já parte do *Grande Reich*, e o mundo já vivia as agruras de uma nova guerra. Sua chegada, assim como ocorreu da vez anterior, também foi registrada

2 Sobre as Circulares Secretas, ver as obras de CARNEIRO, Maria Luiza Tucci: *O anti-semitismo na Era Vargas. Fantomas de uma geração, 1930-1945*. S. Paulo: Perspectiva, 2001; *O veneno da serpente. Reflexões sobre o anti-semitismo no Brasil*. S. Paulo: Perspectiva, 2003. *Cidadão do mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do Nazifascismo*. S. Paulo: Perspectiva, 2010.

por grande parte dos jornais brasileiros, mas o tom era outro. O mundo mostrava um rosto muito mais assustador do que em 1936, e aos fatos registrados seguiam-se análises de um teor mais complexo que, apesar de favoráveis à obra de Stefan Zweig, questionavam de forma mais contundente sua postura de “neutralidade”; algumas críticas chegavam a ser hostis, incluindo detrações que visavam diretamente ao homem Stefan Zweig. Em 22 de agosto de 1940, em tom ácido, a *Gazeta de Notícias* publicava em coluna não assinada:

Chegou, ou está para chegar, Stefan Zweig [...]. Já estive entre nós não faz muito, prometendo-nos um livro de propaganda do Brasil [...]. Stefan Zweig, porém, partiu e nunca mais se teve notícia do seu famoso livro de propaganda do Brasil. Apenas um longo artigo apareceu alhures, procedente de sua pena, referindo-se à nossa terra. Nesse artigo, o eminente autor de “Maria Antonieta”, tomando-nos por terreno baldio, prognosticava para o Brasil de amanhã o papel de retorta étnica dentro da qual se poderiam realizar as mais curiosas experiências raciais. [...] Não sabemos como o brilhante escritor será recebido desta vez pela nossa grei intelectual. Mas certamente o veremos fazendo uma conferência [...]. E nessa conferência, se é certo que as vítimas verão alguns níqueis, não menos certo será que o sr. Zweig também verá cair dentro dos seus bolsos outros níqueis. E então nos prometerá mais uma vez um livro para o Brasil [...] (p. 3).

A promessa de publicar um livro sobre o Brasil, que o articulista insinuava não passar de uma manobra do autor austríaco para “encher os bolsos”, iria materializar-se menos de um ano mais tarde. Na visita que iniciou nesse segundo semestre de 1940, Zweig viera buscar material não somente para o que viria a ser seu livro *Brasil: país do futuro*, mas também, como ele mesmo informou ao jornalista D’Almeida Victor, para “colher dados sobre o Brasil para um outro trabalho; a figura de Nóbrega, na sua missão catequizadora” (*VAMOS LÊR!*, 3.10.1940, p. 18).

Entre setembro e outubro de 1940, Stefan Zweig dedicou-se a visitar diversos pontos – não turísticos – do Rio de Janeiro e também de Minas Gerais e S. Paulo. Em 20 de setembro, na capital paulista, Zweig proferiu, a convite de Cásper Líbero, mais uma vez sua célebre palestra “A unidade espiritual do mundo”, a mesma que havia apresentado em 1936 no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro. De S. Paulo, Stefan Zweig voou para Belo Horizonte, onde desembarcou no dia 25 de setembro. Lá foi também recebido

Stefan Zweig

por autoridades e intelectuais em eventos oficiais e também fez “uma série de passeios, alguns dos quais por sua própria iniciativa [...]” (*O GLOBO*, 27.9.1940, p. 3). Sobre essas viagens, o *Correio Paulistano* (28.9.1940, p. 5) publicava:

Zweig no Brasil não é propriamente um turista, no sentido do viajante que procura paisagens com que se deslumbrar. É, sobretudo, o estudioso, à cata de fortes emoções intelectuais, atarefando-se em redescobrir o Brasil, pelo menos naquilo que temos de mais característico e de mais genuíno. Em tudo e por tudo, ele é o antípoda do diletante. Encara os aspectos brasileiros profissionalmente, isto é, sob o ponto de vista do escritor que se propôs firmemente a escrever um livro a nosso respeito. [...] Esperemos o próximo livro de Zweig. Há de ser, em resumo, um dos mais curiosos depoimentos prestados por um escritor estrangeiro sobre o Brasil contemporâneo e suas imensas possibilidades e reservas.

Pouco antes de partir para a Argentina e o Uruguai, onde havia agendado uma série de compromissos em várias cidades, Stefan Zweig discursou na Associação Brasileira de Imprensa sobre “A Viena de ontem”. A renda do evento foi revertida em benefício do Retiro dos Jornalistas e da Casa dos Escritores do Rio de Janeiro.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODELO S.C. 139
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 23429

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Stefan Zweig
Admitido em território nacional em caráter Permanente
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 24-30 letra -- do dec. n. 3.010-20-8 de 1938
Lugar e data de nascimento Viena 28 / 11 / 1881
Nacionalidade britânica Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Konz e Ida Zweig
Profissão escritor
Residência no país de origem Bolivar 160, nesta
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 342995 expedido pelas autoridades de Foreign Office, Londres na data 1-4-1940
visado sob n. 4525

ASSINATURA DO PORTADOR: Stefan Zweig

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires de 5 NOV 1940 de 19 PELO CONSUL GERAL

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em...

OMISSO AGUARDE



Ficha consular de qualificação de Stefan Zweig.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

No final de outubro de 1940, Stefan e Lotte Zweig partiram novamente. No Aeroporto Santos Dumont, antes de deixar a capital, o autor conversou com jornalistas antecipando que na volta planejava visitar demoradamente a Bahia e, sobretudo, a Amazônia: “Esta segunda parte das viagens que farei pelo Brasil é indispensável. [...] Para escrever convenientemente o livro, aliás já começado, não poderei deixar de percorrer a grande maravilha amazônica” (*O GLOBO*, 26.10.1940, p. 3).

O voo que levou o casal para Buenos Aires fez antes uma escala em Porto Alegre, onde foram recebidos por admiradores e jornalistas. Ali, Stefan Zweig informou que o “livro sobre o Brasil” seria também publicado na Argentina. Nos planos do casal estava também tramitar os vistos de residência permanente no Brasil, os quais foram concedidos pelo consulado-geral em Buenos Aires, em 5 de novembro de 1940, como mostram as fichas de imigração.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODELO S.C. 139
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 23428

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Elisabeth Charlotte Altmann Zweig
Admitido em território nacional em caráter Permanente
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 24-30 letra -- do dec. n. 5.010-20-8 de 1938
Lugar e data de nascimento Kattowitz 5 / 5 1908
Nacionalidade britânica Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Joseph Georg Altmann e Therese Hirsch Profissão ----
Residência no país de origem Bolívar 160, nesta
NOME IDADE SEXO

FILHOS
MENORES
DE 18 ANOS

Passaporte n. 347044 expedido pelas autoridades de Foreign Office, Londres na data 13-6-1940
visado sob n. 4526

ASSINATURA DO PORTADOR:
Elisabeth Charlotte Zweig

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires
de 5 NOV 1940 de 19
PELO CONSUL GERAL
[Assinatura]
CONSUL ALBIENTO



Ficha consular de qualificação de Lotte Zweig
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

A homenagem ao país que aprendeu a amar

Quando, após a viagem de três semanas à Argentina e ao Uruguai, Stefan e Lotte Zweig desembarcaram no Brasil, em 15 de novembro de 1940, juridicamente já o fizeram como residentes permanentes. A decisão de instalar-se definitivamente no país, entretanto, somente seria divulgada pelo autor em meados do ano seguinte, 1941. No final de 1940, Zweig prosseguia com suas pesquisas sobre o Brasil e, ao mesmo tempo, como sempre fizera ao

longo de sua carreira, executava diversos outros planos literários. Naquele momento, além de sua autobiografia e do livro que dedicaria ao Brasil, Zweig produziu uma coletânea de seis novelas que foram publicadas em dezembro com o título *Momento supremo*. Em meados de janeiro de 1941, visitou a Bahia, o Recife e Belém do Pará e, no dia 22 do mesmo mês, partiu com Lotte rumo aos Estados Unidos, onde se encontraria com seus editores norte-americanos para discutir o lançamento do “livro sobre o Brasil” em português, inglês e alemão (*O GLOBO*, 7.1.1941, p. 4).

Em Nova York, Stefan Zweig foi protagonista de um importante evento: o banquete inaugural, no dia 15 de maio de 1941, do centro europeu do Clube P. E. N. que congregou autores europeus refugiados nos Estados Unidos. Meses mais tarde, em 28 de agosto de 1941, o casal desembarcou novamente no Rio de Janeiro, dessa vez para fixar residência definitiva no Brasil. O lançamento do livro que os brasileiros tanto aguardaram precedeu a chegada de Stefan Zweig. A obra ganhara um título, *Brasilien: ein Land der Zukunft*, traduzido para o português como *Brasil: país do futuro*, sem o artigo “um” – trabalho baseado em suas impressões sobre um lugar que parecia não sofrer os males do continente que havia deixado para trás, rasgado pela guerra. Zweig via o Brasil como uma esperança para o mundo e principalmente como resposta à sua própria pergunta: “Como é possível conseguir em nosso mundo uma convivência pacífica entre os homens apesar das mais decididas diferenças de raça, classe, cor e convicções?”. Ao que ele mesmo respondeu:

Em nenhum país essa questão se apresentou, por uma constelação particularmente complicada, de um modo mais perigoso que para o Brasil, e nenhum o resolveu de maneira tão feliz e exemplar quanto o Brasil. O objeto deste livro é o testemunho agradecido disso. Resolveu-o de um modo que, a meu juízo pessoal, chama não somente a atenção, mas também a admiração do mundo.

[...]

O Brasil – e o significado desse experimento magnífico me parece exemplar – levou o problema racial, que transtorna nosso mundo europeu, do modo mais simples *ad absurdum*: ignorando simplesmente a sua pretensa validade (ZWEIG, 1941, p. 13-14).

Vozes do Holocausto

O livro *Brasil: país do futuro* é uma declaração de amor não somente à terra, mas também ao que o mundo poderia ter sido, à sua utopia. E mesmo se uma análise mais aprofundada das complexidades da nação brasileira não resiste às impressões de Zweig, sua força está justamente no próprio caráter de modelo adotado por alguém que havia escapado de uma parte do mundo acometida da mais completa insanidade. Entretanto, mesmo se o modelo não era de fato “o paraíso”, era sem dúvida um lugar que, para o autor, ao contrário da Europa, tinha possibilidades muito maiores de um dia chegar a sê-lo.

Contudo, o “caçador de almas” – como o escritor francês Romain Rolland definira Stefan Zweig – e de futuros estava cansado. As frustrações de um exílio que cada vez mais parecia



O último endereço de Stefan e Lotte Zweig. Petrópolis, s.d.
Fotógrafo não identificado.

Acervo: Casa Stefan Zweig/RJ/Deutsche National Bibliothek.

Disponível em: <http://www.dnb.de/SharedDocs/Bilder/DE/DNB/Pressemitteilungen/acStefanZweig/stefanZweigLetzteWohnadresse.jpg?__blob=zoom>.

Acesso em: 2 ago. 2018.

não ter fim causavam danos que aos poucos foram se tornando irreversíveis, assim como parecia ser irreversível o futuro da Europa.

O Brasil, nesse sentido, parecia ser o único lugar que ainda propiciava a Zweig um pouco de calma e – por que não – de felicidade. Em novembro de 1941, já instalado em Petrópolis, naquela que seria sua última residência, Zweig escreveu a seus cunhados Manfred e Hannah – o irmão de Lotte e a esposa:

Queridos H. & M. Não acreditava que em meu sexagésimo aniversário estaria sentado em uma cidadezinha brasileira, sendo servido por uma menina negra, descalça e a milhas e milhas de distância de tudo o que era anteriormente a minha vida: livros, concertos, amigos, conversa. Mas estamos extremamente felizes aqui, o pequeno bangalô com sua grande varanda coberta (nossa verdadeira sala) tem uma esplêndida vista das montanhas e bem em frente há um pequenino café, chamado “Café Elegante” onde posso tomar um delicioso café por centavos e desfrutar da companhia de condutores de carroças negros. A vida é muito barata aqui e você não tem oportunidade de gastar. Estou trabalhando e em minhas horas ociosas jogo partidas mestras de um grande livro de xadrez – sentimo-nos distantes de tudo, até mesmo da guerra (DAVIS; MARSHALL, 2010, p. 29).

O jogo que Zweig estudava, no entanto, não era somente uma atividade para as horas ociosas: o xadrez foi um dos protagonistas do último livro que escreveu. Uma obra rica quanto ao olhar psicanalítico nela contido e que gira em torno de uma partida de xadrez que tem lugar em um navio que sai de Nova York rumo à América do Sul. Nesse navio, embarca um certo Czentovitz, que, na ficção, é um dos maiores enxadristas de todos tempos. Durante a viagem, uma partida é organizada entre o campeão e um grupo de amadores. Após um impasse no jogo, o narrador relata o aparecimento de um desconhecido que irá desafiar Czentovitz: o Dr. B., um advogado vienense, preso após a anexação da Áustria pela *Gestapo* e condenado a um isolamento total, em uma sala sem estímulos, sem nenhuma noção de tempo ou lugar, sem possibilidade de ocupar seu espírito. Seu único entretenimento eram os interrogatórios.

Durante um desses interrogatórios, o Dr. B. consegue roubar um livro. Ao chegar à sua sala/cela, decepciona-se profundamente ao ver que se trata de um livro que descreve partidas de xadrez. Mesmo assim, por falta de opção, começa a estudá-lo. Naquele isolamento, as

partidas tornam-se uma obsessão, e ele começa a jogá-las em sua mente. Ao redobrar seu espírito para jogar contra si mesmo, perde a razão e adocece. O governo alemão permite então que ele parta para o exílio. O trauma, no entanto, deixou nele marcas profundas, uma espécie de esquizofrenia como podemos constatar na obra *Chess*:

Mas mesmo os pensamentos, por mais insubstanciais que pareçam, precisam de um ponto de apoio, sem o qual começam a rodar e a girar sobre si mesmos sem propósito. Eles também não toleram o vácuo. Você esperava alguma coisa de manhã até a noite, mas nada acontecia. Esperava novamente, e novamente. Nada acontecia. Você esperava, esperava, esperava, você pensava, você pensava, você pensava até que sua cabeça doía. Nada acontecia. Você era deixado só. Só. Só (ZWEIG, 2006, p. 28-29).

“O último libelo”

Em 24 de fevereiro de 1942, os jornais do Brasil e do mundo noticiavam a trágica notícia: Stefan e Lotte Zweig haviam cometido suicídio em sua casa, em Petrópolis. Os textos revelavam, à parte da surpresa, as mais diversas explicações para o ato do casal. Os títulos, por sua vez, tentavam dar sentido ao impacto e transmitir a grandeza do homem.^A

As extensas reportagens na imprensa continham inúmeros detalhes sobre o que foi encontrado na cena, as instruções deixadas por Zweig acerca de diversos assuntos e o dinheiro que deixou. Não faltaram também os relatos gráficos e invasivos. Nos dias que se seguiram aos funerais, diversos intelectuais

A-Entre os principais títulos, estão: “Toda a angústia e revolta do mundo encarnadas na morte trágica de Zweig!” (*O Globo*, p. 1); “O último libelo de Zweig contra a escravidão da Europa” (*O Globo*, p. 5); “Exausto” (*A Noite*, p. 1); “Perde a humanidade um dos seus maiores escritores” (*Diário de Notícias*, p. 3); “Morre tragicamente um dos maiores escritores contemporâneos” (*Jornal do Brasil*, p. 6).

brasileiros e exilados deram inúmeros depoimentos sobre últimos dias do autor e sobre a obra dele, ao mesmo tempo que tentavam entender o ato extremo. Entre os primeiros, à guisa de conclusão, destacamos as reflexões do advogado, historiador e político pernambucano Barbosa Lima Sobrinho que refletiu a respeito daquele trágico evento:

A vida lhe parecia uma nova espécie de trabalho de Sísifo, recomeçado a todas as horas e cada vez mais árduo, à medida que mais débeis se tornavam as energias do lutador. Os homens expansivos podem viver em qualquer parte. Já os introspectivos, os calados, os homens sombrios sofrem com a mudança de ambiente.

[...]

[Zweig] pertencia àquela legião de vienenses que morreram com as glórias espirituais de sua cidade e de seu tempo, quando as hordas nazistas romperam a marcha soturna, naquele dia apocalíptico...

Desde esse momento, deixou de ser uma criatura humana. Foi apenas o escritor, trabalhando desesperadamente, para concluir um programa gigantesco. Acompanhou sua própria vida como o artista segue os passos inúteis do personagem que já condenou. Fez as cartas para a criatura que se matava. Fosse ele próprio o suicida, e de certo, com a sensibilidade que possuía, teria tido um pouco mais de pudor. Foi tudo exageradamente policial. Nenhuma reserva, nenhuma reticência. Não é preciso tanto escândalo para morrer. Zweig faria essas reflexões se estivesse convencido de que era ele próprio que se matava. Mas aquele homem de Petrópolis já não era mais o Zweig de Viena, mas um personagem literário, que o escritor precisava deixar bem com os seus leitores, com a polícia, com os credores domésticos, com a Prefeitura da cidade (*Jornal do Brasil*, 1º.3.1942, p. 5).



Stefan e Lotte Zweig, s.d.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Casa Stefan Zweig/RJ.